

A LEITURA DO RURAL NAS MÚSICAS CAIPIRAS

Liz Cristiane DIAS*

Oscar SOBARZO**

Resumo: Este artigo realiza uma leitura das músicas caipiras tentando resgatar elementos que auxiliam na caracterização do mundo rural. Tratando-se de representações do rural, existe consciência de que aquilo que se apresenta é uma interpretação da realidade e não a realidade em si; contudo se destacam no texto aspectos que mostram uma visão nostálgica do modo de vida rural.

Palavras-chave: mundo rural; representação; músicas caipiras.

Resumen: Este artículo intenta realizar una lectura de las músicas caipiras, tratando de rescatar elementos que ayudan para la caracterización del mundo rural. Como se trata de representaciones, se tiene conciencia de que aquello que se está analizando son interpretaciones de la realidad y no la realidad en sí; pese a esta limitación, en el texto se destacan aspectos que muestran una visión nostálgica del modo de vida rural.

Palabras-clave: mundo rural; representación; músicas folclóricas caipiras.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente, Bolalsta CAPES – Brasil. E-mail: lizseler@zipmail.com.br
**Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente, Bolalsta CAPES – Brasil. E-mail: sobarzo@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

As músicas representam um discurso, uma forma de comunicar-se e interpretar uma realidade, um sentimento ou um estado de ânimo; sendo assim elas transmitem um olhar, se constituem em representações daquilo que tratam. Neste artigo, pretende-se analisar alguns elementos que as músicas caipiras levantam sobre o mundo rural, tendo presente que se trata de representações do rural e não da realidade rural em si.

O objetivo deste trabalho centra-se no resgate das músicas caipiras, geralmente vistas como uma expressão artística de segunda ordem, para um patamar de destaque no auxílio da compreensão, leitura e entendimento do mundo rural. Existe clareza de que a dinâmica no campo tem significado grandes mudanças nas últimas décadas, situação que nos deve alertar sobre a validade das interpretações, devido a que as músicas analisadas não são atuais, contudo tentou-se resgatar elementos que continuam a se apresentar hoje.

Este texto está organizado em dois pontos principais, no primeiro colocam-se alguns elementos teóricos sobre a representação do mundo rural; no segundo ponto, são desenvolvidos e exemplificados alguns destes elementos, utilizando-se das músicas caipiras.

2. A REPRESENTAÇÃO DO MUNDO RURAL

Uma representação baseia-se na realidade, mas não é a realidade. Tal vez essa seja a sentença mais importante a ter em conta quando se escreve um artigo como este, em que se busca ler o mundo rural através de uma manifestação artística. Em efeito, as músicas caipiras possuem um olhar, uma interpretação, uma forma de se relacionar com o âmbito rural, mas não podem ser tomadas como uma fotografia do mundo rural.

Almeida (1998, p.35) coloca que as representações são baseadas na aparência dos objetos e não nos objetos em si, ou seja, são uma percepção da realidade e não a realidade. Neste mesmo sentido, Jovchelovitch (2000, p.41), incorpora a componente social nas

representações, ao colocar que “elas representam, por excelência, o espaço do sujeito social, lutando para dar sentido, interpretar e construir o mundo em que ele se encontra”; assim, as representações mostram “uma relação com o ausente e um meio de evocar do possível”.

Uma primeira representação do mundo rural está materializada no **homem caipira**, e constitui-se geralmente uma visão discriminadora das pessoas do campo.

O termo caipira deveria na grande maioria das vezes, referir-se a um determinado modo de vida, um modo de ser, geralmente de uma população tradicional. No entanto este modo de ser caipira carrega um estereótipo negativo que teve em Jeca Tatu de Monteiro Lobato sua maior descrição. Martins (1975, p.26) sinaliza que o homem rural é visto indistintamente como ignorante, magro, preguiçoso e rotineiro. Este estereótipo tem sua contrapartida nas virtudes contrárias atribuídas ao homem da cidade.

Essa hostilização do caipira e banalização do mundo rural através da valorização do moderno, representado na vida urbana, foi a essência para a ideologia da urbanização e da saída do homem do campo para os antigos centros industriais.

Esses estereótipos persistem perante o tempo, ou seja, a sociedade sempre teve um tipo para discriminar, seja o índio, o escravo, o colono europeu ou o caipira. Neste último caso, quando o homem do campo não se fazia cidadão, não renunciava a seu modo de viver, era atualizado, passando de proprietário a agregado ou devia partir em busca de novas terras desbravando sertões.

Além de ignorante, magro, rotineiro, um outro estereótipo atribuído ao caipira seria o de preguiçoso, que surgiu devido à busca incessante por novas terras ao ser expropriado, como se o homem do campo não se unisse as grandes massas de operários por não gostar de trabalhar.

Talavia como salienta Candido (2001, p.112-4), no caso do caipira, é necessário buscar explicações que permeiam sua vida cotidiana, seu lazer e seus hábitos, ou seja, toda uma cultura. Para este homem não é necessário trabalhar todos os dias da semana, uma

herança da sua cultura de subsistência; para o caipira a ambição não tem sentido, se através da sua relação com o meio, com uma natureza provedora, ele pode se manter.

Neste sentido,

Se para a maioria a semana conta com seis dias úteis, para o nosso jeca conta apenas quatro. No sábado ela não vai à roça, fica em casa preparando os seus aviamentos de caça e pesca, ou em preparativos para ir no domingo à vila; na segunda ele descansa da cansaça do domingo (NARDY FILHO apud CANDIDO, 2001, p.114)

Para este trabalho achou-se necessário buscar algumas informações sobre o caipira de tempos atrás para tentar compreender alguns fatos que ocorrem nos dias atuais, sendo que assim como alerta Giddens (1991, p.14): “Existem, obviamente, continuidades (e descontinuidades) entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira”.

Algumas populações hoje têm no bairro rural sua organização, o bairro caracteriza-se pelo sentimento de localidade, e sua formação não depende apenas da aglomeração, mas das relações de vizinhança e do intercâmbio entre as famílias. Essas relações decorrem da proximidade e da necessidade de cooperação entre ambos. Conforme ressalta Candido:

“O que é bairro?” - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - “Bairro é uma naçãozinha”. - Entenda-se: a porção de terra que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras. (CANDIDO, 2001, p.84)

Atualmente, é no bairro rural que se verifica como o caipira tem um modo de viver e de ser, representado através de uma “simbiose” com a natureza e nas suas relações sociais. Em função da sua forma

de viver, dos meios de subsistência e da cooperação na sua vida social, tem se criado uma imagem de atraso e transmitido tantos estereótipos.

Existe outra representação do mundo rural que poderíamos catalogar como uma visão saudosa. Lefebvre (1991a, p.46) ao enumerar aspectos da vida cotidiana moderna identifica a ascensão da nostalgia, da saudade por uma natureza e um passado perdidos, os quais podem ser representados no campo. Neste sentido, o campo ou a residência no campo representa a natureza, o sol, o verde, a saúde e a liberdade, e numa visão dicotômica a cidade representa a servidão. (LEFEBVRE, 1991a, p.132)

O rural, a vida no campo, seus costumes, seus ritmos e dinâmica, são considerados naturais e bons; em oposição, a cidade é antinatural, impondo ritmos de vida e costumes contrários ao homem. A vida nos vilarejos e povoados do campo está imersa na natureza, as pessoas se submetem aos ritmos do mundo que condicionam a vida social: dias, semanas, meses, estações se sucedem, e com elas as etapas da vida: juventude, maturidade, velhice. (LEFEBVRE, 1975, p.97)

Num outro texto, Lefebvre (1991b) coloca novamente o choque entre a vida no campo e a vida na cidade:

Quanto ao campo, é este um lugar de produção e de obras. A produção agrícola faz nascer produtos; a paisagem é uma obra. Esta obra emerge de uma terra lentamente modelada, originariamente ligada aos grupos que a ocupam através de uma recíproca sacralização que é a seguir profanada pela cidade e pela vida urbana. (LEFEBVRE, 1991b, p.67)

Assim, surge outro elemento para a análise: a relação sacra entre a terra e a ocupação do campo feita pelo homem, o que também poderia ser colocado como uma relação de respeito com a natureza. Como aponta Almeida (1998, p.43), no campo existe uma interpenetração da natureza e da sociedade, numa estrutura que une os homens à natureza, destacando a importância das relações recíprocas e propondo uma espécie de equilíbrio moral entre os dois.

Nessa relação de equilíbrio e respeito não resulta estranha a existência de uma relação de dependência entre o campo provedor de condições de vida e os seus ocupantes. O campo, a terra, é generoso, oferecendo possibilidades de vida e reprodução; contrariamente, a cidade é mesquinha, quebra a relação com a natureza, impõe uma outra forma de viver e de se relacionar.

A seguir analisaremos músicas caipiras que colocam esta visão saudosa do mundo rural e do seu modo de vida, e retomaremos aspectos tratados até aqui.

3. O MUNDO RURAL NAS MÚSICAS CAIPIRAS

Um primeiro elemento que as músicas caipiras destacam refere-se ao modo de vida do campo, nelas canta-se a um estilo de viver que geralmente tem se perdido e que se deseja, no qual existia uma auto-suficiência devido à criação de animais e ao cultivo de alimentos, embora fosse uma vida simples.

Seu moço, já fui roceiro no Triangulo Mineiro
Onde eu tinha meu ranchinho
Eu tinha uma vida boa
Com a Isabel minha patroa
E quatro barrigudinhos
Eu tinha dois bois carreiros
Muito porco no chiqueiro
E um cavalo bom arreado
Espingarda cartucheira
Quatorze vacas leiteiras
E um arroz lá no banhado
(Caboclo na Cidade)

Quando essa vida é comparada a vida na cidade percebe-se uma grande valorização do mundo rural. A cidade não oferece para todos os meios de subsistência. Candido (2001, p.274) aponta que para o caipira os recursos da caça e a pesca se reduzem ou desaparecem na cidade, não sendo possível sempre a sua substituição por outros alimentos

comercializados. Neste mesmo sentido, Durhan (1973, p.217) coloca que a cidade impossibilita a produção da própria subsistência, pelo qual as pessoas passam a ter uma dependência total do salário e do emprego para garantir a sobrevivência. Essa situação provoca frustração e leva as pessoas a não se reconhecerem no seu lugar.

Já faz mais de doze anos
Que eu estou aqui morando
Como estou arrependido
Aqui tudo é diferente
Não me dou com essa gente
Vivo muito aborrecido
Não ganho nem pra comer
Já não sei o que fazer
Estou ficando quase louco
É só luxo e vaidade
Penso até que a cidade
Não é lugar de caboclo
(Caboclo na Cidade)

Eu já fui muito feliz
Vivendo no meu lugar
Eu tinha cavalo bom
E gostava de campear
Tudo dia eu aboiava
Na porteira do curral
(Vaca Estrela e Boi Fubá)

O homem do campo não se reconhece na cidade, para ele trata-se de um sistema de vida alheio, embora encontre nele pessoas que gostam dele, como coloca a seguinte música:

Aqui tem alguém, diz que me quer bem
Mas não me convém, eu tenho pensado:
Eu ilgo com pena, mas essa morena
Não sabe o sistema que eu fui criado
(Naudado da Minha Terra)

Também é possível encontrar expressões de uma certa resistência a trocar a forma de vida simples do campo pelas comodidades que supostamente a cidade oferece.

Eu não troco o meu ranchinho
Marradinho de cipó
Pruma casa na cidade
Nem que seja bangalô
Eu moro lá no deserto
Sem vizinho eu vivo só
Só me alegra quando pia
Lá pr'aqueles cafundó:
É o nhambuxintã e o chororó
É o nhambuxintã e o chororó
(Chitãozinho e Chororó)

O campo pode não oferecer as comodidades da cidade, mas oferece uma vida mais livre, onde o trabalho se mistura com tempo de folga. O caipira não tem a ambição da acumulação de bens e dinheiro, ele só quer uma vida boa.

Na cidade eu só ia cada 15 ou 20 dias
Pra vender queijo na feira
E numa estava folgado
Todo dia era feriado
Pescava a semana inteira
(Caboclo na Cidade)

Eu faço minhas caçadas
Bem antes de sai o só
Espingarda de cartucho
Patrona de tiracó
Tenho buzina e cachorro
Pra fazê forrobodó
(Chitãozinho e Chororó)

Essa vida sem ambição muitas vezes pode ser confundida com preguiça, mas na verdade é a expressão de um modo de vida simples, de

contato com a natureza que oferece meios para a subsistência e para o lazer. Durhan (1973, p.48) explica esta cultura da subsistência como resultado de uma situação histórica que combina a presença do latifúndio, a disponibilidade de terras e o trabalho escravo; nestas condições a única possibilidade de trabalho livre no campo originou uma cultura caipira de auto-suficiência, em que se produz para comer, se utilizam outros recursos da natureza – caça e pesca – para complementar a alimentação, se comercializa um pequeno excedente se houver, e não se vende a força de trabalho.

Não quero outra vida
Pescando no rio de Gereré
Tenho peixe bom
Tem siri patola
De dá com pé
Quando no terreiro
Faz noite de lua
E vem a saudade
Me alormentá
Eu me vingo dela
Tocando viola
De papo pro á
Se compro na feira
Reljão, rapadura
Pra que trabaia
Eu gosto do rancho
O homem não deve se amofiná
(De Papo pro Á)

Da mesma maneira como no seu estilo de vida tem espaço para o trabalho e o lazer, também existe a possibilidade da festa na vida do homem do campo.

Que saudade intensa do campo e do mato
Do mano regato que corta as campinas
Ata domingô lu passear de canoa
Na Huda jogou de águas cristalinas

Que doce lembrança da velha festança
Onde tinha dança e lindas meninas
Eu vivo hoje em dia sem ter a alegria
(Saudade da Minha Terra)

Neste sentido, Candido (2001, p.38-9) coloca que a obtenção esforçada de alimentos muitas vezes transforma-se em manifestações simbólicas, como festas, bailes, comidas etc.

Quando é chegado
O tempo de colheita
Quebra de milho
Grande mutirão
A vida veste sua roupa nova
Pra ir no baile lá no casarão
(Quebra de Milho)

Outro elemento que se destaca nas músicas caipiras é o realce que se dá à natureza, sendo possível identificar uma visão que coloca o campo como natural e a cidade como não natural; situação apontada por Lefebvre (1991a, p. 132) como uma característica do mundo moderno.

Não há oh! Gente, oh! não
Luar como esse do sertão
Ai que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Esse luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão
Não há oh! Gente, oh! não
Luar como esse do sertão
(Luar do Sertão)

Deixa a cidade
Formosa morena
Linda pequena
E volta ao sertão
Beber da água

Da fonte que canta
E se levanta do meio do chão
(Chuí Chuá)

A natureza incorporada à vida cotidiana, a través do canto dos pássaros e da presença dos animais, no meio rural, mas que também às vezes se encontra em perigo pela expansão do progresso, que pode ser personificado na urbanização.

De que me adianta viver na cidade
Se a felicidade não me acompanhar?
Adeus, paulistinha do meu coração
Lá pra meu sertão eu quero voltar
Ver a madrugada, quando a passarada
Fazendo alvorada, começa a cantar!
Com satisfação, arreio o burtão
Cortando estradão, saio a galopar
E vou escutando o gado berrando
Sabiá cantando no jequitibá!
(Saudade da Minha Terra)

No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Nunca mais houve alegria
Nem de noite nem de dia!
Os arvoredos
Já não contam mais segredos
E a última palmeira
Já morreu na cordilheira!
Os passarinhos
Internaram-se nos ninhos
De tão triste esse tristeza
Hoje de trevas a natureza!
(No Rancho Fundo)

Esta vida em contato com a natureza, passa por um processo de personificação, onde destacam-se elementos como a concepção de uma "alma terra", as promessas e os agradecimentos a Deus e os santos, e a presença dos animais e das plantas.

A terra é mãe
Isso não é segredo
O que se planta
Esse chão nos dá
Uma promessa
A São Miguel Arcanjo
Pra mandar chuva
Pro milho brotar
[...]
A roça toda já se embonecou
Uma oração
Agradecendo a Deus
(Quebra de Milho)

Além desta sacralização, existe uma relação estreita com os ritmos da natureza. “A sua atividade (do caipira) favorece a simbiose estreita com a natureza, funde-o no ciclo agrícola, submetendo-o à resposta que a terra dará ao seu trabalho, que é o pensamento de todas as horas” (CANDIDO, 2001, p.156).

Todo dia o sol levanta
E a gente canta
O sol de todo dia
Fim de tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde
Quando à noite a lua amansa
E a gente dança
Venerando a noite
(Canto do Povo de um Lugar)

Os elementos analisados até aqui, sobre o modo de vida caipira e o mundo rural, se resumem na **visão saudosa** que as músicas apresentam deles, especialmente quando comparados com a vida na cidade, que personifica o “vilão” na vida das pessoas. Candido (2001, p.244) qualifica este sentimento de “saudosismo transfigurador”, o qual

consiste na comparação permanente das atuais condições de vida com as antigas, e as modernas relações humanas com as do passado.

Por Nossa Senhora, meu sertão querido
Vivo arrependido por ter te deixado
Esta nova vida aqui na cidade
De tanta saudade eu tenho chorado
(Saudade da Minha Terra)

No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Onde a dor e a saudade
Contam coisas da cidade...
(No Rancho Fundo)

Parei pra pensar o tempo de infância
E me vi criança lá no meu sertão
Quem um dia deixei, e vim pra cidade
Seguindo o progresso da evolução
Que destrói a beleza e a natureza
Ainda mata o caboclo com a solidão, ai.
(Tempo de Infância)

Voltar para Minas Gerais
Sei que agora não dá mais
Acabou o meu dinheiro
Que saudade da palhoça
Eu sonho com a minha roça
No Triangulo Mineiro
Nem sei como se deu isso
Quando eu vendi meu sítio
Para vir morar na cidade
Seu moço naquele dia
Eu vendi minha família
E a minha felicidade
(Caboclo na Cidade)

Assim, a cidade, o progresso e a urbanização constituem os verdadeiros destruidores do mundo rural, sua dinâmica, a sua natureza, ritmos, festas, em resumo do local de vida do caipira.

Malvado progresso, você me maltrata
Destruiu as matas aonde eu vivia
O nhambu guaçú e a onça pintada
E lá na baixada a paca e a cotia
Nas altas perobas as pombas do ar
Nas grandes ramagens jacu se escondia, ai
(Tempo de Infância)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura das músicas caipiras, realizada neste texto, tentou resgatar elementos que auxiliassem na compreensão das representações do mundo rural. Neste sentido, teve um realce especial a valorização da relação entre o homem do campo e a natureza, expressada num modo de vida de auto-suficiência, que significa uma certa liberdade e que deixa espaço para a festa, onde se manifesta a gratidão com a terra-mãe, expressando um sentimento de dependência e respeito com o meio.

Nas músicas cantasse em forma saudosa a este modo de vida que tem se perdido pela saída do homem do campo para a cidade. A nova forma de vida urbana quebra as relações com a natureza, impõe novos ritmos de vida e costumes, e principalmente submete as pessoas à lógica da venda da força do trabalho, como única alternativa de sobrevivência, não deixando espaço para a lógica da auto-suficiência.

As análises apresentadas neste artigo não tiveram a finalidade de esgotar a temática, pelo contrário podem ser consideradas como uma prospecção inicial no tema e como uma resposta a uma inquietação pessoal de ver a realidade não somente através das leituras acadêmicas, mas procurando uma complementação com outras expressões.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n.6, p.35-45, jul-dez 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o vilarejo paulista e a transformação dos seus meios de vida*. (9ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, 2001. (1964)
- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- GUDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNISP, 1991.
- KOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1975. [1970]
- _____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991a. [1968]
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991b. [1968]
- MARTINS, José de Souza. A valorização da escola e do trabalho no meio rural. In: _____. *Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.